

# **Memória e matrizes políticas do século XX: etnografia de grupos do Facebook que atuam em torno da memória da FEB (Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial)<sup>1</sup>**

Carmem Rejane Antunes Pereira (PROCESSOCOM/Unisinos; NAVI/UFSC - Brasil)

**Resumo:** A proposta deste trabalho é apresentar alguns elementos de observação etnográfica abordando os sentidos da memória política do século XX a partir do âmbito digital, tendo como foco imagens, sonoridades e relatos que circulam em grupos formados no e pelo Facebook, tematizando a memória da Força Expedicionária Brasileira. A FEB, como ficou mais conhecida, foi uma força militar aeroterrestre constituída por 25.834 homens e mulheres, que durante a Segunda Guerra Mundial - oficialmente ocorrida entre 1939 e 1945- participaram ao lado dos Aliados na Campanha da Itália nas suas últimas fases.

**Palavras-chave:** Força Expedicionária Brasileira; Memória, Redes Sociais

## **Introdução: aproximações com as trincheiras das memórias da FEB**

A Segunda Guerra Mundial foi um dos eventos bélicos planetários do século XX. O conflito resultou na morte de cerca de 70 milhões de pessoas<sup>2</sup> e ficou marcado por eventos trágicos como o Holocausto e o uso da bomba atômica. Episódios que antecederam ou acompanharam a sua eclosão mostraram experiências de matrizes revolucionárias e totalitárias que desafiam o pensamento crítico até os dias atuais e também configuram uma corrente de memória que está presente no cinema, televisão e literatura, compondo memórias de gerações que hoje vivenciam registros da época, os quais também circulam pela internet.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> Esse número aproximativo leva em conta as várias estimativas feitas por diversos historiadores. Ver Udo Bauer em DWBrasil. Para Eric Hobsbawm, “suas perdas são literalmente incalculáveis (...), pois a guerra (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar “ (Hobsbawm, 1995, p.50).

“Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá...”. Esse é um trecho da Canção do Expedicionário, composta por Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi, originalmente interpretada pelo cantor Francisco Alves, e lançada em disco em outubro de 1944, quando três dos cinco escalões da FEB já estavam em missão na Itália. Um dos símbolos mais lembrados, juntamente com a insígnia da campanha “A cobra vai fumar”, ela é citada em vários grupos, blogs e sites, dedicados à memória da Força Expedicionária Brasileira. Também faz parte da minha memória afetiva familiar, construída pelos objetos de um pequeno acervo legado por meu pai, o pracinha Américo de Castro Pereira, de quem conheci um sua trajetória pelos relatos rememorados por familiares que tiveram a oportunidade de usufruir da sua convivência no pós- guerra.

Com essa bagagem afetiva, mas também atenta a uma época cujos conflitos e suas tragédias, suas imagens, genocídios, ideias, pensamentos, ideologias, corporificaram o que tenho chamado, heurísticamente, de matrizes políticas do século XX, podendo sinteticamente falar em horizontes totalitários e libertários, passei a refletir e buscar registros que remetessem a esse período, a partir de configurações comunicacionais no presente.

Estímulos para essa busca vieram de várias direções. Por um lado, as materialidades dos grupos das redes sociais, instigadas pelas redes familiares fizeram com que eu tomasse contato com um conjunto de imagens e relatos referentes a FEB, especialmente no Facebook, que já tinha se tornado um campo de investigação para outras pesquisas com perfis comuns não institucionalizados, me levaram a pensar na diversidade dos reclamos pelo passado nas mídias pensado por Martín-Barbero (2009). Também nas reflexões de Daniel Miller sobre a diversidade dos usos das tecnologias comunicacionais digitais.

Dentro desses estudos de cultura material, exploramos as muitas formas pelas quais a Antropologia pode ser positivamente empregada para o estudo do nosso mundo contemporâneo, incluindo ideias teóricas como a objetificação, mas também contendo as qualidades de nossa tradição etnográfica, e equilibrando o trabalho teórico com o humanismo de relatos etnográficos, descritos de forma suficientemente clara para nos ajudar a ver como a tecnologia digital está integrada no dia a dia de pessoas comuns, com as quais nos relacionamos e temos empatia em nosso trabalho (Miller, p.2, 2015).

Por outro lado, as ambiguidades da internet ampliando o espectro de narrativas e práticas com matizes apologéticas ao nazismo, negacionistas ao genocídio judeu, que é reconhecido como um dos episódios mais traumáticos da história da humanidade,

acendeu alertas em entidades e instituições voltadas à defesa dos direitos humanos e dos preceitos constitucionais contra o racismo no Brasil. Em 2003, por exemplo, o Supremo Tribunal Federal confirmou a condenação do editor gaúcho Siegfried Ellwanger pelo crime de racismo, por publicar livros antisemitas.<sup>3</sup>

Entretanto, de lá para cá, ocorrências com apologia ao nazismo aumentaram, incluindo exposições corporais públicas e uma série de conteúdos publicados na internet e até mesmo em discursos de agentes governamentais. Esse fenômeno, também abordado por estudos acadêmicos<sup>4</sup>, é acompanhado pela *ONG Safernet*, que defende os direitos humanos na internet, recebe denúncias e as encaminha para o Ministério Público.<sup>5</sup>

Dessa forma, as configurações da FEB na internet, considerando o contexto de sua formação, se apresentam como um aspecto relevante para pensar e investigar as memórias e os seus sentidos dentro de um contexto mais amplo em que, como afirma o advogado Rony Vainzof, secretário da Confederação Israelita do Brasil, “o conhecimento do passado é fundamental para impedir novas atrocidades” (Agência Senado, 2021).

Eric Hobsbawm (1995) e Umberto Eco (2018), impulsionam essa memória histórica e pública, apresentando dados e estimulando reflexões sobre o contexto das matrizes políticas que se evidenciaram na Segunda Guerra, suas metáforas e suas permanências. Ainda em sua fase inicial, exploratória, essa pesquisa procura investigar como as memórias da FEB, identificando e caracterizando os grupos temáticos no Facebook, de forma a identificar objetivos, critérios, regras; selecionar elementos textuais, sonoros e imagens publicados em diversos perfis, que permitam compreender sentidos dessas memórias febianas, interações e posições dos participantes, considerando ainda a sua possibilidade como interlocutores/as na investigação sobre a Segunda Guerra nas memórias da recepção em contexto brasileiro.

## **1. A FEB nas redes sociais: mapeando configurações de suas imagens**

A decisão para alavancar esse percurso etnográfico é estimulada pela minha aproximação com o estudo das configurações da memória na internet e mais

---

<sup>3</sup> O editor foi processado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul e sentenciado à prisão por publicar livros antisemitas, entre os quais um de sua autoria intitulado *Holocausto Judeu ou Alemão? – Nos bastidores da mentira do século*. O STF entendeu que ele não estava protegido pelo direito à liberdade de expressão. Ricardo Vestin, Agência Senado, 2021.

<sup>4</sup> DIAS, A. A. M. *Observando o ódio: entre uma etnografia do Neonazismo e a biografia de David Lane*. Antropologia Social. Tese de Doutorado, 2018. São Paulo, USP

<sup>5</sup> Em junho de 2020, conseguiu a remoção de 7,8 mil páginas com a temática nazista. Em junho de 2019, havia conseguido derrubar 1,5 mil. (Safernet, 2022)

especificamente em redes sociais. Essa perspectiva teve como propósito situar-se em um cenário social comunicativo (Geertz, 1978), observar a participação dos internautas (Fragoso, Recuero & Amaral, 2012). Identificou-se e investigou-se hibridações a partir dos conteúdos midiáticos que circulam nas redes sociais, os quais são apropriados ou construídos pelos atores nos seus processos de visibilidade social na internet. Esses percursos tiveram como cenário o Facebook, site de redes sociais fundado em 2004, e atualmente o mais popular do mundo (Madianou, M.; Miller, D., 2012) e também no Brasil com público estimado em 80 milhões de usuários, conforme SECOM/BRASIL, 2016.

Ainda que com uma temática e num cenário comunicativo bastante diferente, diverso, e também incluindo outras redes sociais como *Instagram*, sites e blogs temáticos da FEB, a imersão por esse caminho nos permite afirmar que uma observação com cenários plurais também implica reconhecer que todas formas de interações são etnograficamente válidas, não somente face a face ou vice-versa, e ainda porque, e não menos relevante, interações *online* podem produzir resultados *offline* e vice-versa.

Com essa perspectiva metodológica e munida de muitos desafios para a construção de uma *artesanía* específica ao contexto da pesquisa, me aproximei das trincheiras das memórias da FEB nas redes sociais. Uma primeira busca pela temática foi realizada em 2021, a partir de uma indicação de familiares para “visitação” e futuras postagens de fotos do “nosso pracinha” em um grupo do Facebook denominado “Imortais combatentes da FEB”.

O primeiro contato com o grupo que se apresenta como Organização Não Governamental me surpreendeu pelo número de postagens com imagens dos ex-combatentes, indicando uma receptividade que se apresenta pela rede social em mais de 61 mil seguidores e interagentes para um conteúdo que é preponderantemente construído pelas imagens fotos e identidade febianana – nome, data de embarque, navio, regimento, comandante, data de chegada, local de nascimento ou residência e também a fonte, sendo na maioria filhos ou filhas e também netos e netas, mas também amigos. Com vários contatos, e-mail, telefone e ainda o Instagram, o grupo não apresenta nenhuma informação sobre critérios de participação.



Figura 1 – Grupo Imortais Combatentes da FEB<sup>6</sup>

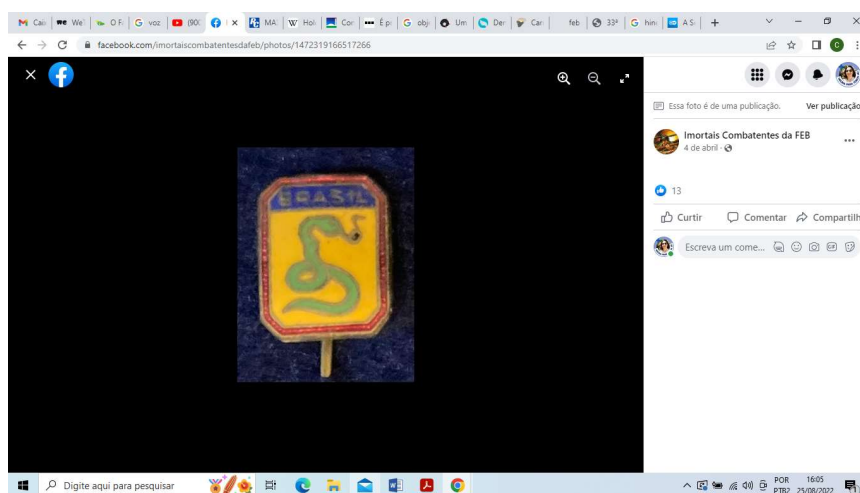


Figura 2 – Imagem da insígnia da FEB. “A cobra vai fumar”<sup>7</sup>

A imagem do distintivo da FEB está presente em todos os grupos temáticos e se refere ao lema “A cobra vai fumar” construído em resposta aos críticos da época que não acreditavam que o Brasil enviase tropas para a Itália. Baseado em ditado popular diziam que “É mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil o Brasil mandar soldados para a guerra”.<sup>8</sup>

Além da “cobra fumante” que representava o lema do Exército Brasileiro na Itália, também a Força Aérea Brasileira, FAB, popularizou o seu emblema “Senta a Pua”, que

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>8</sup> O ditado se refere a algo muito difícil de acontecer, improvável, e o trocadilho pelo lema e pelos fatos históricos trouxe a resposta dos otimistas com a ida do corpo expedicionário de que “a cobra está fumando” ou a “a cobra fumou”. Essa passagem da história da FEB é relatada em várias publicações temáticas e faz parte da minha memória familiar.

mostrava um avestruz guerreiro de quepe, o qual, segundo seus criadores nunca escondia a cabeça diante do perigo. O emblema se equipara ao da cobra fumante do Exército, nas batalhas de Monte Castelo, Montese e outras.

## **2. Imagens e materialidades na internet: pistas sobre dimensões sociais e culturais**

Essas imagens, assim como outras citadas, posteriormente, e outras referentes a medalhas, cartas, certidões e diplomas, cenas de campanha, de batalha, de confraternização, afeto, lúdicas, são coletadas e arquivadas em um caderno de campo digital (Pavesi, 2014, p. 47), junto a outros registros relativos a pesquisa, de forma a compor e operacionalizar uma base empírica em que elas se tornam fontes para contribuir com uma espécie de “imaginação histórica”, como discute Peter Burke ao apresentar as várias dimensões de imagens, como pinturas, estátuas, fotografias, entre outras constituem fontes e indícios importantes para construir evidências históricas (2004, p.16).

As dimensões evocadas pelas imagens são múltiplas; primeiro porque elas constituem as materialidades da internet, configuradas através de grupos de redes sociais, que são eles próprios atores de um processo de visibilidade social, oriundo de um trabalho de memória social que se constitui internamente e externamente, se fechados ou abertos, com ou sem administração (Le Goff, 1983; Nora, 1993; Pollack, 1992) . Além disso, as materialidades das imagens fotográficas, quase sempre acompanhadas de textos legendas que identificam as origens geográficas, as datas de embarque, as lotações, as datas de volta para o Brasil, trazem as fontes dos arquivos, as quais revelam os vários laços de parentesco que se configuram na construção de arquivos que se constroem com a abertura de baús e álbuns de família, para compor narrativas de memória na esfera pública (Montesperelli, 2004) dinamizada e ampliada pelas redes sociais (Martino, 2014).

Há que se pensar ainda que a materialidade das imagens em si, também evocam as técnicas para construir narrativas delas mesmo. Com maior ou menor qualidade de resolução, fabricadas pela habilidade dos coloristas ou não, falam de uma época em que a fotografia ainda era uma forma pouco popular para construir registros; a CLT e o título de eleitor, nesse sentido, podem ser pensados como mediadores para configurar arquivos de imagem de pessoas comuns, nessa época.

Outro aspecto, e igualmente ou tão mais relevante, as imagens como fotografias ou objetos de cultura material, trazem indício de uma época, com seus costumes e padrões

culturais, incluindo o uso do tabaco, o formato do bigode ou a flexão do braço à cintura, para compor gestos de uma performance típica aos estilos de vida hegemônicos ou culturalmente válidos. Mais do que isso, as fotografias como resultado de uma performance acordada entre fotógrafo e fotografado, se apresentam como pistas para pensar a base social e econômica da FEB, constituída em sua maioria por jovens voluntários e convocados - sendo muitos deles negros - com baixa ou até nenhuma escolaridade, oriundos dos diversos rincões do país. (Ferraz, 2002).

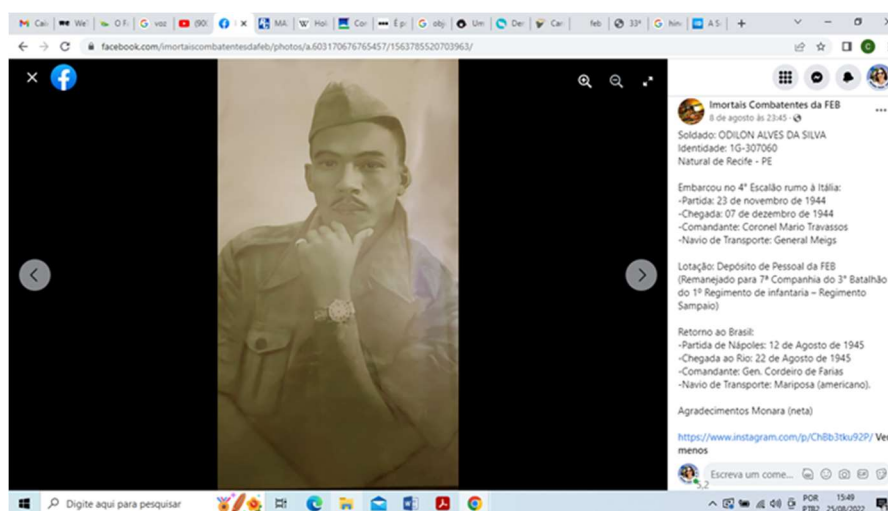


Figura 3 – Imagem Pracinha Odilon Alves da Silva<sup>9</sup>

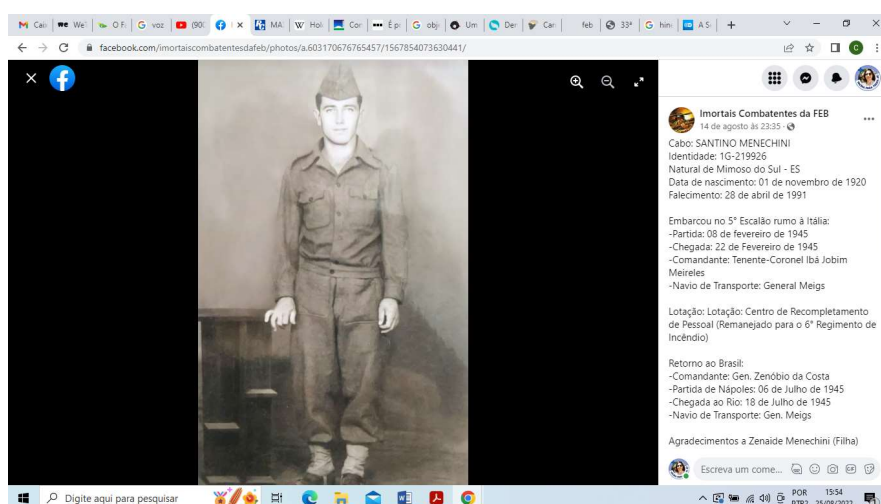


Figura 4 – Imagem Pracinha Santino Menechini<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

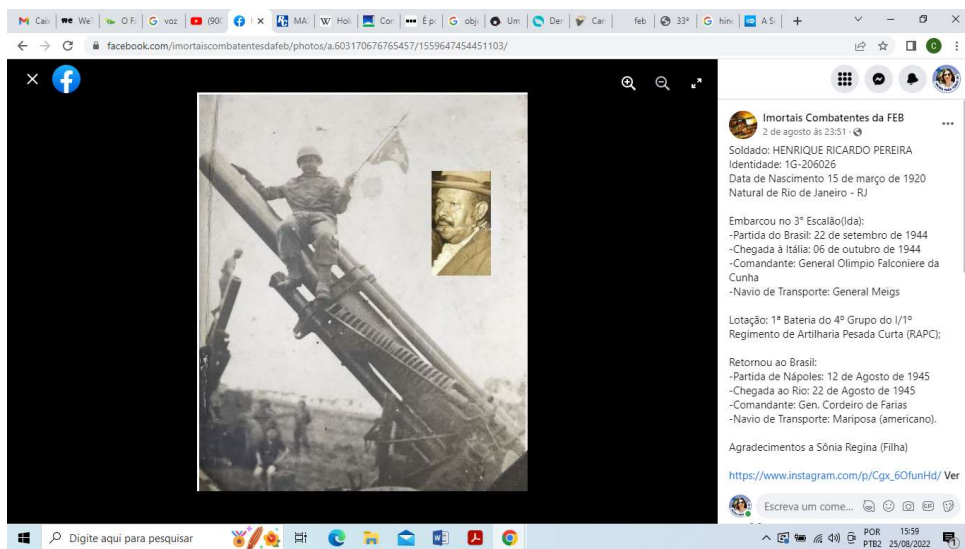


Figura 6 – Imagem Pracinha Henrique Ricardo Pereira

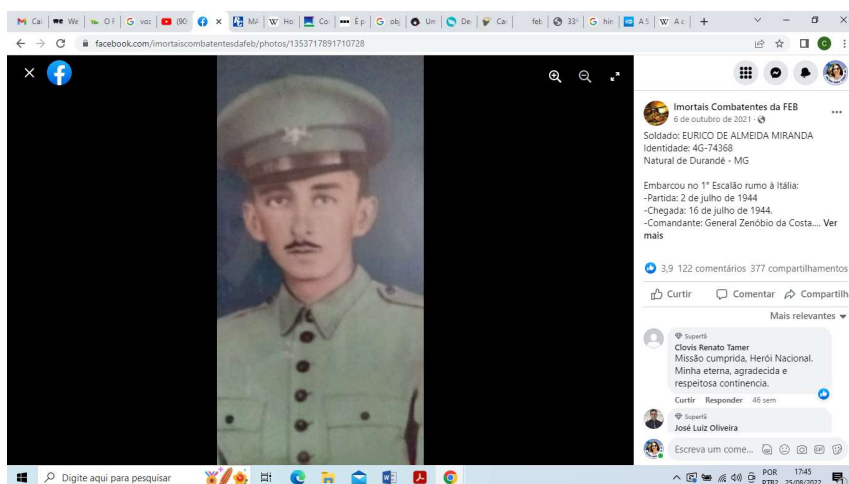


Figura 7 – Imagem Pracinha Eurico de Almeida Miranda<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>



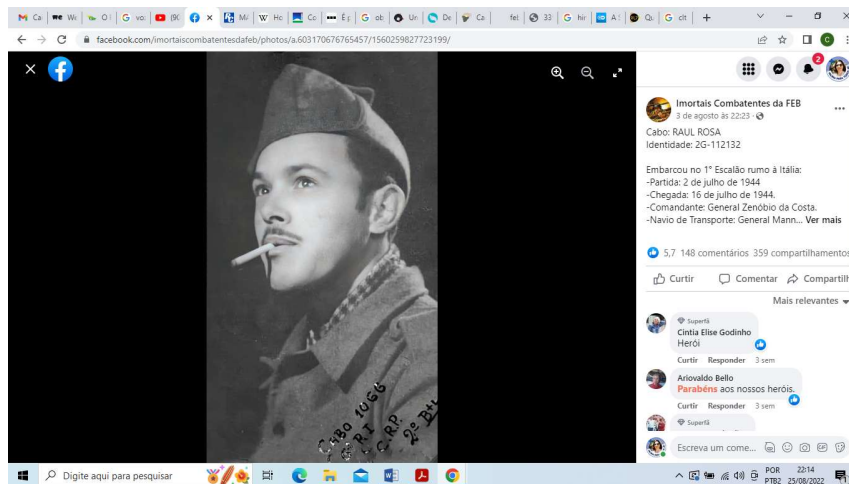


Figura 8 – Imagem Pracinha Raul Rosa<sup>12</sup>

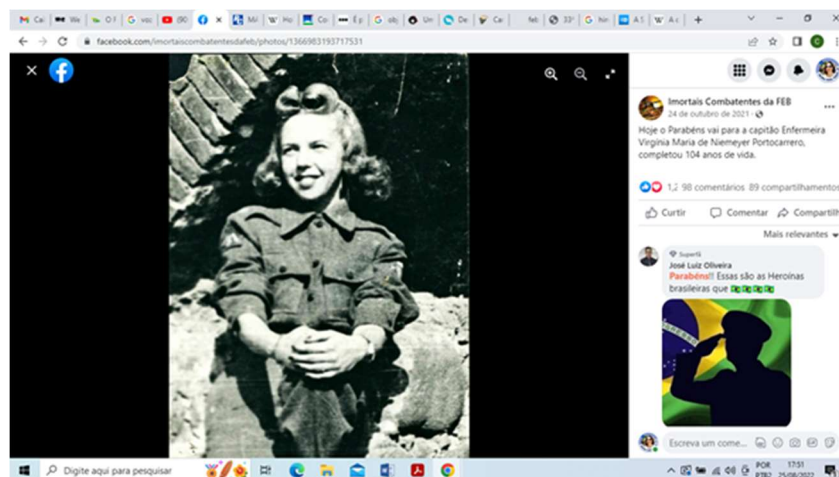


Figura 9 – Capitã Enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero<sup>13</sup>

As imagens “febianas” mobilizam ainda o olhar para outro aspecto menos investigado, menos pensado nas pesquisas temáticas à FEB e ao seu contexto de formação, que trata da participação das mulheres, na composição dos escalões que estiveram na Itália, combatendo as forças nazistas e fascistas, e como sua inserção pode ser analisada nas construções de uma memória peculiar e singular, cujas imagens compõem os arquivos dos diversos grupos estudados. De que forma elas se apresentam no universo dos grupos, considerando as performances das imagens-fotografias e de que forma elas são apresentadas? O que elas, juntamente com as outras imagens, legam aos dias futuros?

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

## **Algumas considerações para seguir em frente**

Para finalizar esse breve registro de observações e indagações, que podem ser melhor consideradas no espaço de discussão do grupo, incluindo outros dados de diversos grupos que tematizam a FEB, gostaria de lembrar que entre os objetivos da pesquisa está a investigação, o pensar como essas memórias que incluem as construções imagéticas e sonoras, textuais, contribuem para uma memória pública de uma época e de episódios nefastos que não devem ser esquecidos. Assim como o papel da FEB, sua estruturação e sua atuação, abordada em pesquisas recentes, bem como sua base social relegada ao descaso como política de estado, ao fim da Guerra, que por ora não abordamos nesse espaço.

Metodologicamente, seguimos um caminho que procura aliar a história, a antropologia e a comunicação, de maneira a melhor nos munir para construir uma *artesanía* possível que conjugue o olhar, o escutar, o escrever, o grava, o desenhar e o printar...e o que se apresentar como modo de encontrar o outro, seja possibilidade fomentada pela inspiração e epistemologia dialógica.

Entende-se que todas essas dimensões são relevantes para compreender as configurações das memórias no presente, nos diversos cenários comunicacionais, incluindo a importância das memórias da FEB como memória social, cujos sentidos deixam vestígios para pensar as mudanças e permanências das matrizes políticas do longo século XX.

## **Referências**

BURKE, P. *Testemunha ocular*. História e imagem.

DIAS, A. A. M. *Observando o ódio: entre uma etnografia do Neonazismo e a biografia de David Lane*. Antropologia Social. Tese de Doutorado, 2018. São Paulo, USP

LE GOFF, J. *História e Memória*. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1986.

ECO, U. *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

FERRAZ, F. C. A. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Tese de doutorado USP. São Paulo, 2002.

FRAGOSO S.; RECUERO R. & AMARAL. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina. 2012.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.1978

HOBSBAWM, E. J. *Era dos extremos: o breve século XX*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, n.10, p.7-28, 1993.

POLLACK, M. (1992). *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. p. 200-212

MADIANOU, M.; MILLER, D. *Deve-se aceitar uma solicitação de amizade da própria mãe? E outros dilemas filipinos*. In: RIAL, C.; SILVA, S. R.; SOUZA, A. M. (Org.) *Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas*. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2012

MARTÍN-BARBERO, J. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, D. (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad. 2006

MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MILLER, D. Daniel Miller: “A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna” Entrevista concedida a Mônica Machado. Ano X.01, 2015 *Revista Z Cultural* (Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/Letras/UFRJ) <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/daniel-miller-a-antropologia-digital-e-o-melhor-caminho-para-entender-a-sociedade-moderna/> Acesso em nov. 2021

MONTESPERELLI, P. *Sociología de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión.

NORA, P. (1993). *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, n.10, p.7-28, 2004

NORA, P. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo, n.10, p.7-28. 1993.

PAVESI, P. *OI, tem internet? Claro! no mundo TIM sem conexões não VIVO; O consumo do acesso à Internet na Grande Terra Vermelha*. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense. 2014.

POLLACK, M. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. p. 200-212. 1992.

SILVEIRA, J. *A Luta dos Pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1983.

SILVEIRA, J. X. *A FEB por um Soldado*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército

& Expressão e Cultura, 2001.

### **Referências eletrônicas**

AGENCIA SENADO. *Confundida com liberdade de expressão, apologia ao nazismo cresce no Brasil desde 2019*. Ricardo Vestin.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/08/confundida-com-liberdade-de-expressao-apologia-ao-nazismo-cresce-no-brasil-a-partir-de-2019> Acesso em 20 ag. 2022

DEUTSCHE WELLE BRASIL. BAUER, Udo. *A Segunda Guerra Mundial em números*. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/a-segunda-guerra-mundial-em-n%C3%BAmeros/a-50212146> Acesso em jun. 2022

ONG SAFERNET BRASIL. *Denúncias de neonazismo à Safernet aumentam 60% em um ano*.

Disponível em <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-neonazismo-safernet-aumentam-60-em-um-ano> Acesso em 20 ag. 2022

### **Grupos do Facebook**

Imortais combatentes da FEB

Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>